

Caudal: a paisagem urbana no entorno do rio Itapemirim

Caudal: the urban landscape around the Itapemirim River

João Wesley de Souza
(PPGA/UFES)
Ana Carolina Xavier
(UFES)

Resumo: Este artigo analisa criticamente as paisagens urbanas formadas ao longo do curso do Rio Itapemirim, desde suas nascentes na Serra do Caparaó até sua foz no Oceano Atlântico. Através de uma abordagem observacional e reflexiva, contrasta-se a exuberância das paisagens naturais com o processo de descaracterização urbana e arquitetônica. Discutem-se as causas dessa degradação, destacando-se a ausência de atuação efetiva do profissional de arquitetura e urbanismo. Por fim, propõe-se a necessidade de políticas públicas que aproximem esses profissionais da realidade social e territorial das populações locais.

Palavras-chave: paisagem urbana; descaracterização arquitetônica; memória urbana.

Abstract: This article critically analyzes the urban landscapes formed along the course of the Itapemirim River, from its headwaters in the Caparaó Mountains to its mouth in the Atlantic Ocean. Through an observational and reflective approach, it contrasts the exuberance of natural landscapes with the process of urban and architectural disfigurement. The causes of this degradation are discussed, with emphasis on the lack of effective engagement by architecture and urban planning professionals. Finally, the article proposes the need for public policies that bridge the gap between these professionals and the social and territorial realities of local populations.

Keywords: urban landscape; architectural decharacterization; urban memory.

DOI: <https://www.doi.org/10.47456/rf.rf.2132.49276>

Introdução

Itapemirim, com origem em Tupi, significa “pedras pequenas”, uma interpretação literal do lugar que possui pequenas pedras na foz do rio. O rio que apresenta esse nome, Itapemirim, tem suas nascentes divididas ao longo das montanhas do Caparaó, no sul do Espírito Santo, e deságua no Oceano Atlântico, mais precisamente entre a Barra do Itapemirim e Marataízes. Todavia, além dos pontos de início e fim dessas águas, esse artigo tem a intenção de destrinchar o caminho desse eixo fluvial, pela observação participativa das paisagens urbanas formadas no entorno das margens do Rio Itapemirim. Os autores se colocam nos espaços estudados e têm contato direto com as imagens formadas no percurso, nas nascentes, meio natural, e passando pelas cidades, meio urbano, o qual será o mais explorado no presente artigo.

Partindo das primeiras sociedades sedentárias, os rios tiveram um papel decisivo na formação das cidades no mundo, no Oriente Médio, a Mesopotâmia entre os rios Tigre e Eufrates, e o Egito margeando o Rio Nilo. Entendendo como os rios são necessários no desenvolvimento de cidades, olhando assim para o recorte geográfico da Bacia hidrográfica do Itapemirim, os rios que nascem no Caparaó têm notória relevância no cenário sul capixaba, com importantes cidades surgindo a partir desses rios, como, por exemplo, Cachoeiro de Itapemirim.

Nascente

Tendo em vista o ciclo hidrológico, quando ocorre a precipitação, a água penetra no solo, se acumulando no lençol freático. Após isso, devido a barreiras naturais, locais menos permeáveis, a água encontra um caminho apenas, a superfície, brotando águas cristalinas. Isso ocorre também nas montanhas do Caparaó que podem ser vistas na figura 1, entre os dobramentos geológicos surgem olhos d’água em formato de nascentes, em alguns pontos da parte mais alta do relevo, que pudemos observar em uma expedição de três dias, no início do mês de agosto, quando os presentes autores, junto com outros pesquisadores, subiram a serra do Caparaó, com o intuito de fotografar as fontes que correm em direção a leste, figuras 2 e 3.

Essas nascentes se desdobram em córregos que juntos se tornam rios e vão abastecer grande parte da Bacia Hidrográfica do Rio Itapemirim. O curso d’água nomeado como Braço Norte Direito, a vertente, mais extrema da bacia do Itapemirim que nasce na serra do Caparaó, sentido leste, é composto por seis córregos que descem da serra, são eles, de sul ao norte: Córrego do Jacutinga (Nascente do Itabapoana), Córrego Santa Marta, Córrego do Calçado, Braço do Meio, Córrego Pedra Roxa e Córrego Santa Clara, indicados na figura 4. Estes caudais constam de água cristalina com baixa temperatura, até atingir os primeiros povoados, onde começam a receber esgotos, sem tratamento, conspurcando esta dádiva da natureza. Veja a situação de Santa Rita e Santa Marta, antes de atravessar os primeiros povoados (Figura 5).



Figura 1. Caparaó. Disponível em: <https://earth.google.com>. Acesso em 30 Set. 2023.

Evanesças culturais

Uma paisagem natural exuberante como a região do Caparaó, composta por cadeias montanhosas, aclives e declives, criando enquadramentos que parecem desenhados, rios ora com menos volume, ora caudalosos, fauna e flora com espécies exclusivas. Esse conjunto torna a arte de pensar a arquitetura extremamente interessante e desafiadora, no saber dosar, enquadrar o ambiente, relacionar a arquitetura com o entorno e ter uma forma plástica, não competindo com o externo. Esse pensamento tem, entretanto, um viés contemporâneo de pensar arquitetura, que não representa grande parte da arquitetura produzida no entorno do rio Itapemirim e seus afluentes.

Nestes primeiros assentamentos humanos, reconhecemos um estilo arquitetônico comum nas propriedades rurais que se situam no entorno da serra do Caparaó. Apontamos uma solução arquitetônica cujo partido prima por elevar a construção acima do nível do terreno, com o acréscimo do alpendre por onde se pode acessar a sala (Figura 6). Vale lembrar que o acesso pela sala implica em uma formalidade distante do uso cotidiano. Geralmente, estas propriedades recebem visitas pela cozinha. Lugar mais informal e afetivo na cultura rural. Supomos que este estilo e método construtivo pode ter sido trazido das colônias portuguesas do extremo oriente, posto que se trata de uma solução que funciona bem nos trópicos por evitar a umidade que vem do solo, facilitando assim, a conservação das estruturas de madeira e vedações realizadas em sopapo, ou como é conhecida também como “pau a pique”. Como podemos observar na figura 7, este estilo colonial-

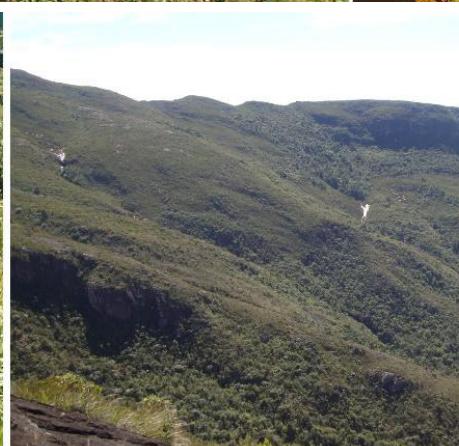
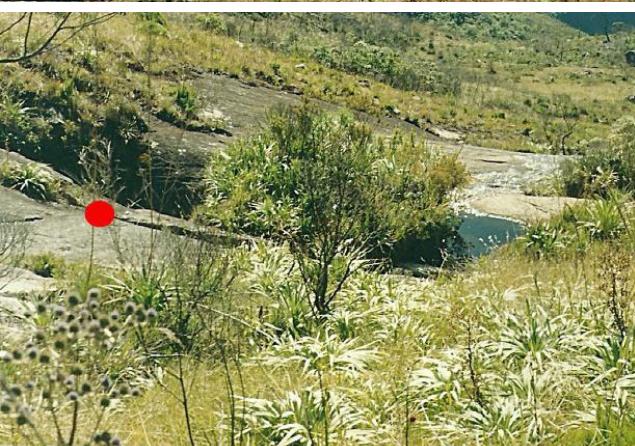


Figura 2. Expedição rumo as fontes pelo Braço do meio, afluente do Braço Norte. Fotos: Luiz Antônio Pacheco e João Wesley de Souza

Figura 3. Nascentes. Fotos: Luiz Antônio Pacheco e Ana Carolina Xavier

rural-português incorporou a tecnologia tupiniquim para as vedações e ainda acrescenta a telha de tabuinha (madeira) para a cobertura, em lugar das telhas de cerâmica que provavelmente significavam um custo maior.

Intuímos que essa arquitetura produzida no entorno do Caparaó tenha relação com o processo de colonização portuguesa, visto que Portugal teria colônias em outros locais do globo, como na Índia e na África, onde faria mais sentido uma arquitetura como essa. Assim, então, esses saberes poderiam ter sido passados no momento de exploração dessas cidades próximas ao Caparaó, acreditando que a arquitetura se adequaria ao local.

Entretanto, não parece a solução mais adequada observando sua estrutura, uma solução arquitetônica para um clima tropical úmido, quente, não levando em conta

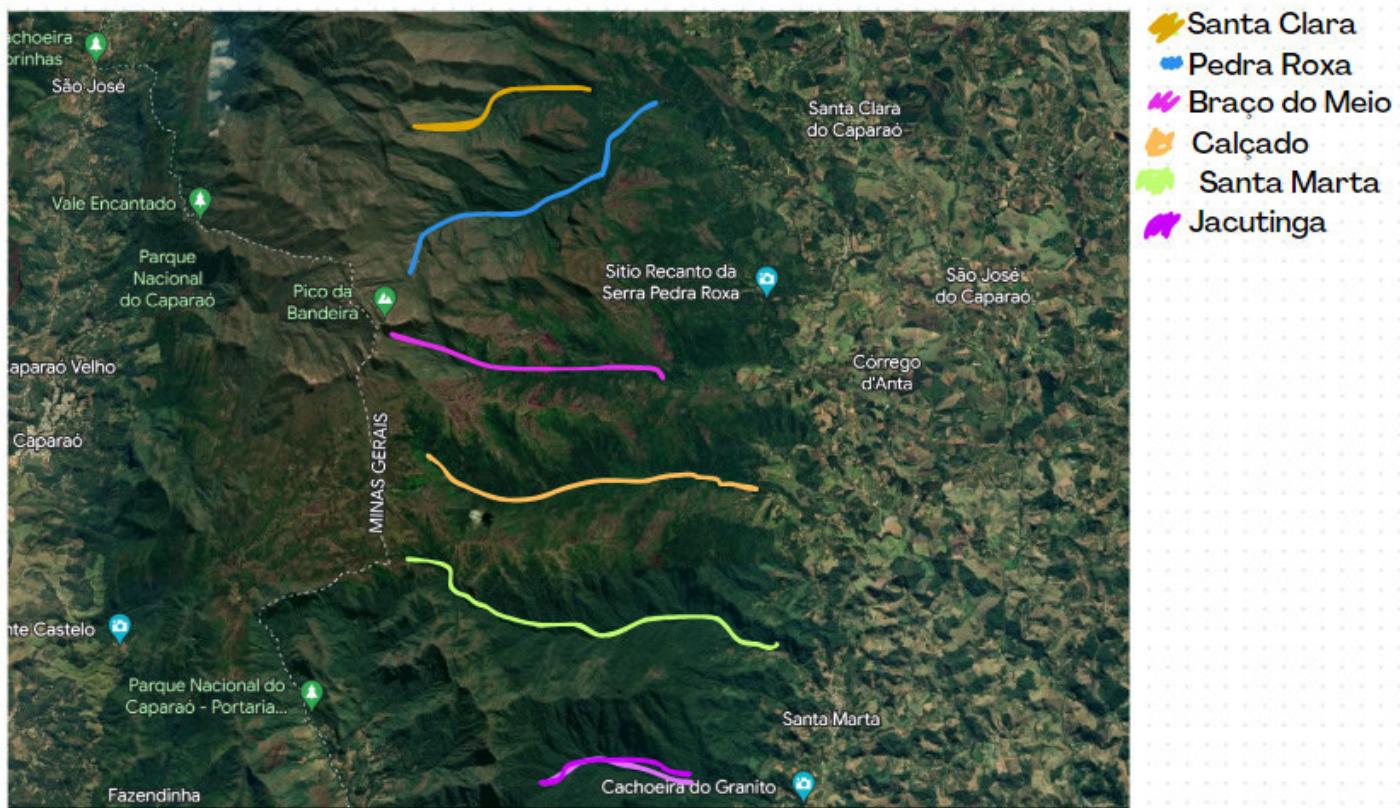


Figura 4. Indicação dos rios que nascem no Caparaó a partir de uma imagem do Google Earth. Elaboração: Ana Carolina Xavier.

que a região próxima ao Caparaó, na verdade, pertence ao tropical de altitude. Em decorrência dos ventos frios, a estrutura de madeira elevada, com piso de madeira, deixa entrar o vento por baixo da casa, e o tipo de cobertura, também em madeira, facilita a entrada de vento, porém por cima. Para conferir estas considerações técnicas, se pode visualizar esquema da figura 8. Logo, uma arquitetura nada convidativa para o local inserido, em que não protege do frio intenso do inverno, com temperaturas chegando aos 0°C, e muito menos dos ventos gelados, então, embora tenha certo apreço estético, nos parece falhar no aspecto técnico.

Essas construções rurais mais antigas vêm sendo paulatinamente demolidas para serem vendidas como madeira de demolição para a marcenaria de móveis. As poucas que restam, ainda mantidas por proprietários, sem apoio institucional para sua restauração, subsistem precariamente. Observamos a falta de tentativa de preservação da memória histórica, apontamos que um trabalho que deve ser levado a cabo com os moradores, assim como em uma cidade próxima no sul do estado que não pertencente a bacia do Itapemirim, Muqui, onde houve um trabalho árduo de reconhecimento das arquiteturas produzidas, catalogação e valorização pelos moradores, fato ausente, como vamos observar, nessas cidades da beira do Itapemirim.



Figura 5. Vertentes do Braço Norte Direito. Fotos: João Wesley de Souza e Luiz Antônio Pacheco

A dominância de coberturas metálicas e de amianto desde o pé da serra

Assim como nesse passado recente, a arquitetura feita hoje, em cidades como Ibitirama, Santa Marta e Alegre, que cresceram no esplendor do café, com sua decadência ou incremento de outras atividades econômicas, perderam o rumo arquitetônico desenvolvido até então. Seja no rigor técnico ou estético, sem uma identidade, proliferam casas que não respondem ao tempo atual e nem à cultura da região, principalmente com a escolha de suas coberturas. Observamos que as coberturas metálicas são as mesmas utilizadas em telhados de quadras de escolas e galpões industriais, etc..., elas têm em sua maioria formato de arco. Além disso, há também os telhados de amianto, que embora já tenham sido proibidos devido aos males que causam ao ser humano, sua utilização é persistente junto com as coberturas metálicas nos primeiros agrupamentos que podemos classificar como povoados, distritos e sedes municipais da região do entorno imediato do Caparaó, tais como Santa Marta e Ibitirama figuras 8, 9 e 10.

Ao visualizar tantas residências, comércios, estabelecimentos, utilizando esses tipos de cobertura, nos faz questionar quando isso teria começado e o porquê disso. A primeira hipótese refere-se ao custo, visto que os telhados de cerâmica, no saber popular, saem com um preço elevado devido, principalmente, à sua robusta estrutura em madeira para vencer grandes vãos. O que não seria necessário nas telhas de zinco, já que precisa apenas da laje batida e apoiar a estrutura pronta de fábrica sobre ela, juntamente com uma durabilidade superior, já as coberturas de amianto, o custo mais baixo propriamente dito já seria uma “justificativa” para este modo de construção.

Além disso, é preciso pontuar que, para a manutenção, não é novidade pensar que telhas de cerâmica costumam necessitar de manutenção de tempos em tempos, trocas de telhas, além de um forro e sua também manutenção periódica. Enquanto a cobertura de zinco estaria isenta dessa questão, provando sua durabilidade, algo que facilmente convence a população.

Foi observada, ainda, uma mudança no que diz respeito ao partido arquitetônico, visto que quando se cobre com estruturas metálicas, as áreas



Figura 6. Casa rural da região do Caparaó. Vedações com pau-a-pique caiado. Foto Luiz Antônio Pacheco

Figura 7. Arquitetura com baixo custo na mesma região do Caparaó. Foto: Luiz Antônio Pacheco

de serviço, são deslocadas do pavimento térreo para esta área de cobertura. Nesta área coberta podemos encontrar o que seria o equivalente à lavanderia, acrescentada de churrasqueira, área de varais para secagem de roupas etc. Poderíamos assim, desenvolver um sentido de que tais recursos tecnológicos não se justificam pelo preço e durabilidade posto que um telhado de cerâmica aplicado sobre uma construção em laje reduz sensivelmente o custo da estrutura principal em madeira. Deste modo, teríamos um custo reduzido das peças estruturais de madeira, pelo fato de que: a carga do telhado cerâmico pode ser aplicada e distribuída por pontaletes diretamente descarregados na laje, como já apontamos. Ainda acrescentaríamos o fato de um melhor conforto ambiental frente às coberturas metálicas, não apenas dos usuários da edificação, mas também da cidade, tendo em vista que os raios solares chegam até essa cobertura e o calor é refletido para o entorno, contribuindo em muito para o aumento da temperatura máxima região da cidade.

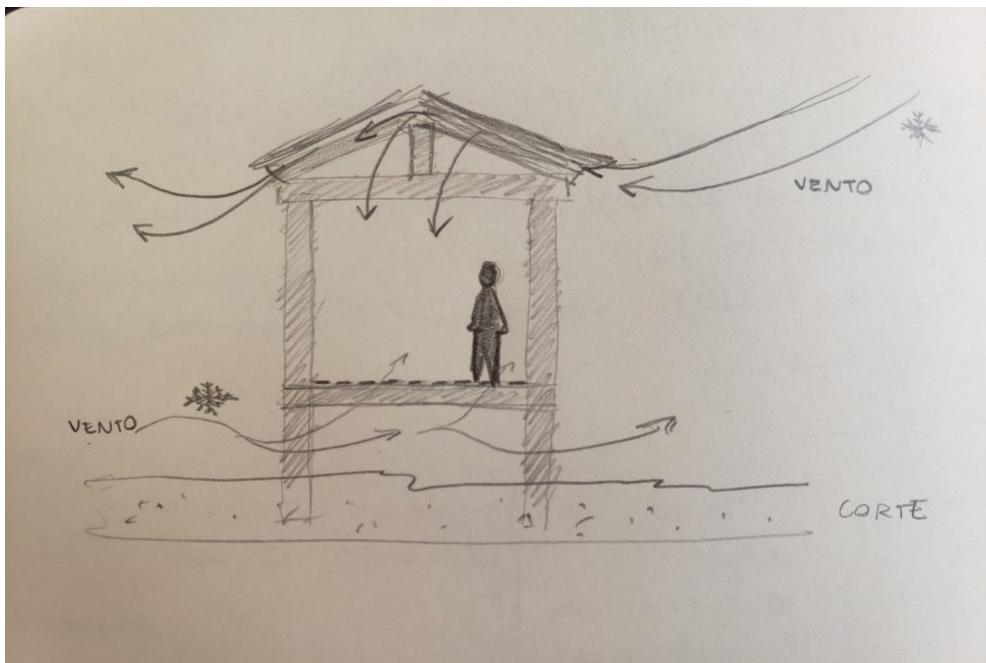


Figura 8. Esquema de ventos. Elaboração: Ana Carolina Xavier

Uma segunda leva de evanescências

Percorrendo mais o Rio Itapemirim em direção ao leste, encontram-se cidades que tiveram grande importância no Ciclo do Café, esse que contribuiu imensamente no desenvolvimento da região sul do estado. A começar com as primeiras ferrovias que ligavam todo o sul do estado a Cachoeiro do Itapemirim entre o final do século XIX e início do século XX, para o transporte do café (Figura 11), seriam as ferrovias 3 e 5 ligadas à 4, cujo ponto de encontro é Cachoeiro do Itapemirim.

Na medida em que o café entrava em seu auge, cidades como Jerônimo Monteiro, Cachoeiro do Itapemirim, Mimoso do Sul, Muqui, e Barra do Itapemirim tiveram uma relação completamente atrelada ao café. Esse desenvolvimento econômico repentino, junto com as ferrovias facilitando o transporte e a comunicação com a capital estadual, com o Rio de Janeiro, o que explica, em parte, a formação da paisagem urbana dessas cidades. Nesse período, o Rio de Janeiro passava por uma busca de um movimento artístico e cultural que fosse tipicamente brasileiro, gerando uma arquitetura neocolonial, (Figura 12), que influenciou diversas cidades como as do sul capixaba.

Outro movimento estético-arquitetônico que estava em destaque nesta época era o ecletismo (Figura 13), que foi amplamente difundido no sul do estado do Espírito Santo, assim como também o neocolonial. Estilos arquitetônicos,



Figura 9 - Santa Marta. Degradação da arquitetura rural tradicional, cedendo lugar para o amianto e cobertura metálica. Foto: João Wesley de Souza.



Figura 10 - Vista de cima e aproximada da cidade de Ibitirama, com coberturas metálicas em destaque.
Disponível: <https://www.amunes.org.br/noticia/ler/2288/conheca-a-historia-dos-33-anos-de-ibitirama>. Acesso em: 30 set. 2023.

tão atrelados ao ciclo do café que em sua decadência causa também uma mesma reação nessas cidades influenciadas, a morte dos estilos neocolonial e eclético entre a década de 40 e 50, vão dar lugar aos traçados modernistas. Porém, enquanto no Rio de Janeiro há a substituição pelos ideais modernistas na arquitetura, não é o que ocorre na mesma intensidade nas áreas do entorno do Itapemirim. Visto que a riqueza vinha do café, sem poder depender dele, a arquitetura se torna objetiva e pragmática, perdendo seus vínculos com os citados movimentos estéticos.

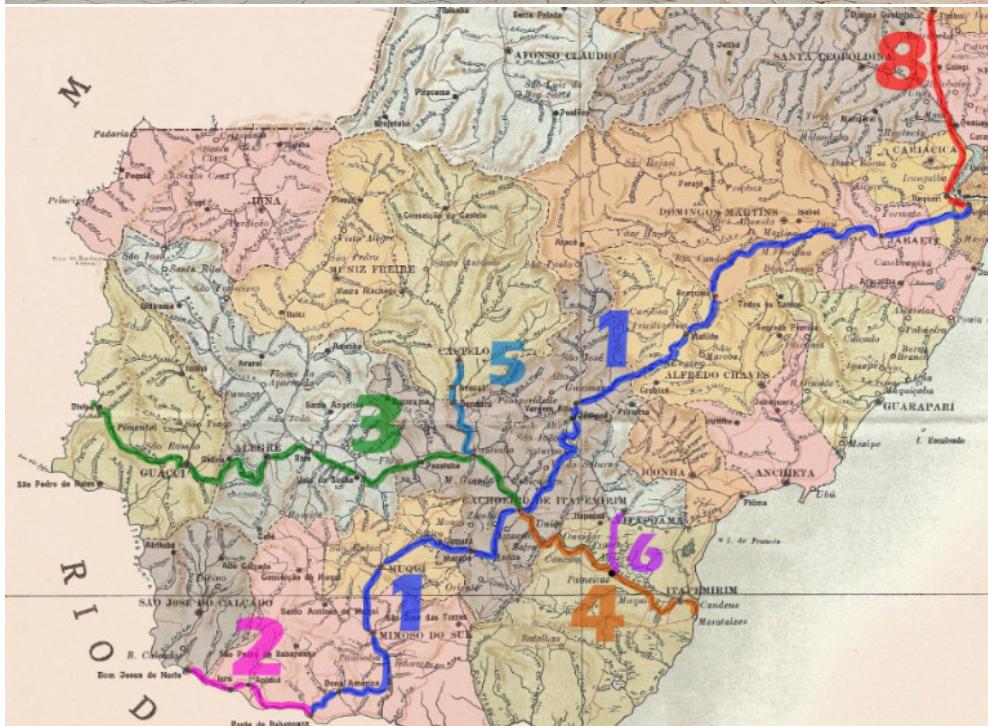


Figura 11 - Foto de uma rua da cidade de Ibitirama. Foto: João Wesley de Souza.

Figura 12. Recorte do mapa original mapoteca IHGB (1944). Disponível em: https://agenciaspostais.com.br/?page_id=7575. Acessado em: 29 set. 2023



Figura 13. Estilo Neocolonial, hospital de Alegre. Disponível em: google. comsearchq=hospital+de+alegre+es&sca_esv=573619808&tbo. Acessado em: 15 out. 2023.
Figura 14. Estilo eclético em Alegre, Fotografia: João Wesley de Souza.



Figura 15, Ocupação atual da periferia de Alegre, fotografia João Wesley de Souza.

Figura 16. Rive. Foto 1: João Wesley de Souza





Figura 16. Vista aérea de Rive. Disponível em: <https://www.ferias.tur.br/fotos/1983/rive-es.html>. Acesso em: 25 set. 2023.

Ainda em Alegre, podemos dizer que, na área central da cidade, ainda restam construções remanescentes que apontam para o período áureo da cultura do café e seu desenho urbano consequente. Porém, o município, além de diversificar sua economia, atualmente se apresentando como uma cidade universitária, também ampliou sua malha urbana, ocupando sua geografia periférica com morros acidentados, com construções que transbordam as referências estilísticas que apontamos anteriormente. Seus morros foram ocupados por edificações mais recentes, com uma arquitetura de funcionalidade rasa, sem referências históricas, caracterizando-se assim, como edificações geralmente em formato cúbico cobertas por coberturas metálicas (Figura 14), bem similares que observamos pela primeira vez nos povoados circunvizinhos da serra do Caparaó.

Alegre - Rive, um município com um distrito universitário

Rive é um distrito pertencente ao município de Alegre. A cidade de Alegre não é banhada pelo Rio Itapemirim, mas Rive, seu distrito, sim. Como podemos verificar nas figuras 15 e 16, Rive é um distrito com uma zona rural margeada pelo Rio Itapemirim e vizinho do Instituto Federal do Espírito Santo, IFES, e de alguns laboratórios da UFES. Tal situação lhe dá a condição de distrito, atado

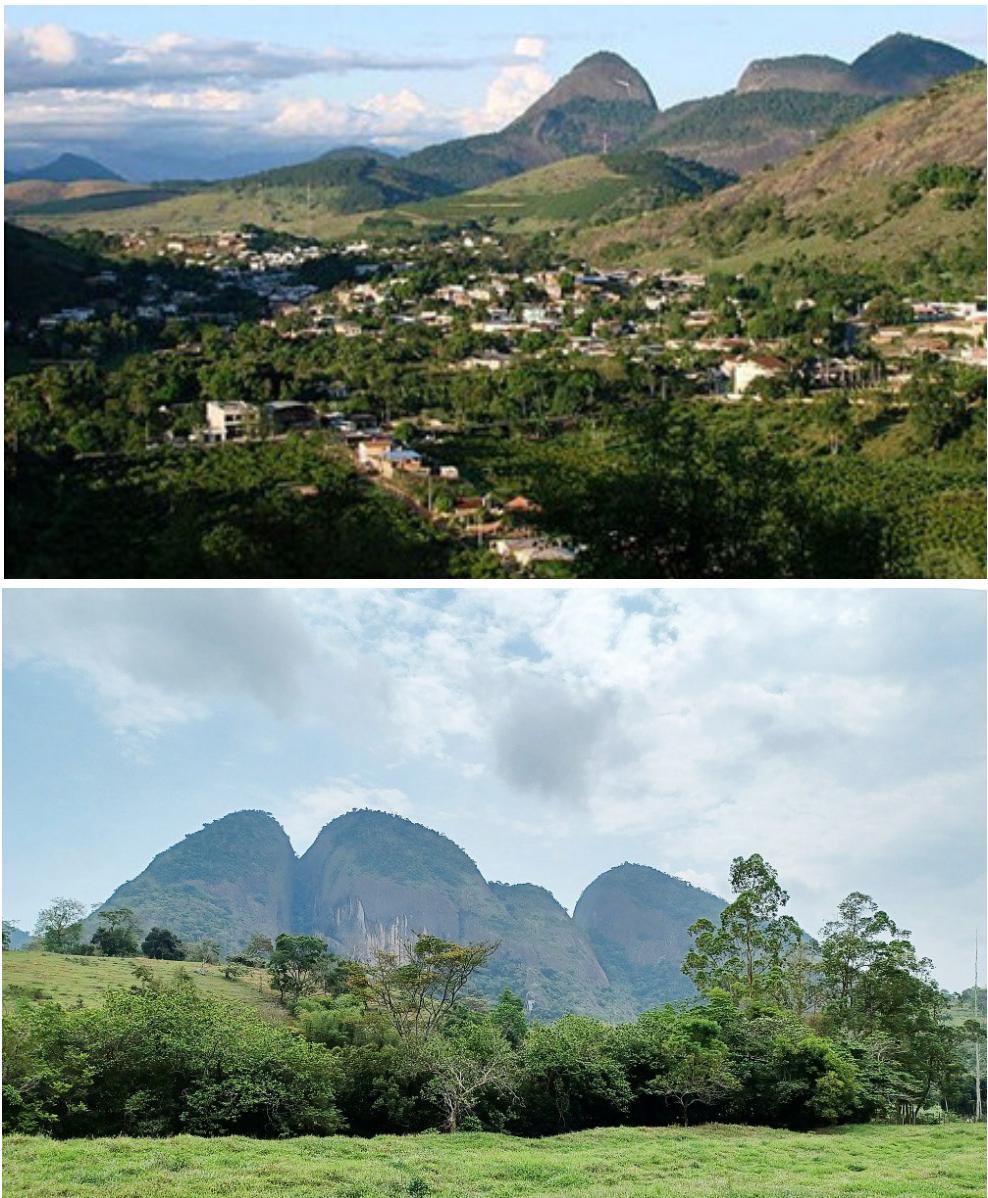


Figura 18. Jerônimo Monteiro. Foto: João Wesley de Souza.

às atividades destas duas referências. Seu traço paisagístico urbanístico ainda reflete as coberturas metálicas encontradas em Ibitirama e Santa Marta, ainda que no seu próprio município sede. Alegre também sofra, como já observamos, de uma expansão sem planejamento que ocupa indiscriminadamente a topografia agressiva de seus morros periféricos.

Jerônimo Monteiro

A atual Jerônimo Monteiro, figura 17 e 18, que já foi conhecida como Vala do Souza, agora nos chama a atenção por possuir uma riqueza paisagística sem par, no que diz respeito a suas curiosas formações geológicas com imensas montanhas de granito. Porém, seu desenvolvimento urbano se deu ao longo da ferrovia que ligava Alegre a Cachoeiro do Itapemirim. Jerônimo Monteiro se desenvolveu em uma forma de *Straßenband* (cidade tipo faixa de estrada), resultando em uma configuração urbanística e paisagística, na qual não fica muito claro, onde inicia e termina sua malha urbana por possuir esta forma de desenvolvimento peculiar. Sua atividade econômica é centrada na agropecuária e na produção de laranja. Fica como potencial a sua curiosa paisagem natural que ainda não foi devidamente explorada.

Cachoeiro do Itapemirim

Esta cidade recebeu esta nomenclatura devido a várias pequenas cachoeiras que impediram, no passado, que a navegação prosseguisse pelo rio Itapemirim. Baiminas é um bairro onde havia um porto final de navegação entre a Barra do Itapemirim e a Cidade de Cachoeiro que nasceu de um posto militar de controle de saída do ouro oriundo das minas de Castelo. Mais adiante, o Capitão Souza fundou uma fazenda que deu origem a cidade, seus filhos Jerônimo Monteiro e Bernardino Monteiro, ocuparam importantes posições na política e na indústria têxtil. Durante a fase da política do café com leite, teve grande importância por ser um nó de irradiação de estradas de ferro que ligavam o Rio de Janeiro, Vitória, Minas Gerais e o litoral na Barra do Itapemirim. Na Figura 19, é possível observar a diferença de estilos e técnicas construtivas nas edificações que margeiam o rio. Por ser a ocupação mais antiga e ligada a uma cidade com um excelente nível de sofisticação cultural, as construções situadas aí são de estilo eclético que, em alguns casos, podemos verificar fortes influências estilísticas tanto do neoclassicismo, ecletismo e neocolonialismo.

À medida que nos distanciamos do centro mais antigo, as construções mais recentes possuem uma forma cúbica simples e ainda fazem uso de cobertura metálica. Neste caso, as coberturas de Cachoeiro do Itapemirim diferem da região serrana do Caparaó por serem retilíneas, planares, não usando as curvaturas que suscitam as coberturas de galpões industriais, observadas até então. Um outro forte traço da sua paisagem urbana é a ocupação total dos morros com importantes declividades, fazendo lembrar a forma desordenada da ocupação do solo nas conhecidas favelas. Mesmo assim, estes declives não são explorados arquitetonicamente. Sem qualquer esforço imaginativo, as construções seguem parecendo grandes cubos fincados nos morros, dando à paisagem urbana uma sensação de amontoados de caixotes. Sua incrível paisagem natural vai paulatinamente sendo engolida pelo inchaço desta ocupação sem planejamento.

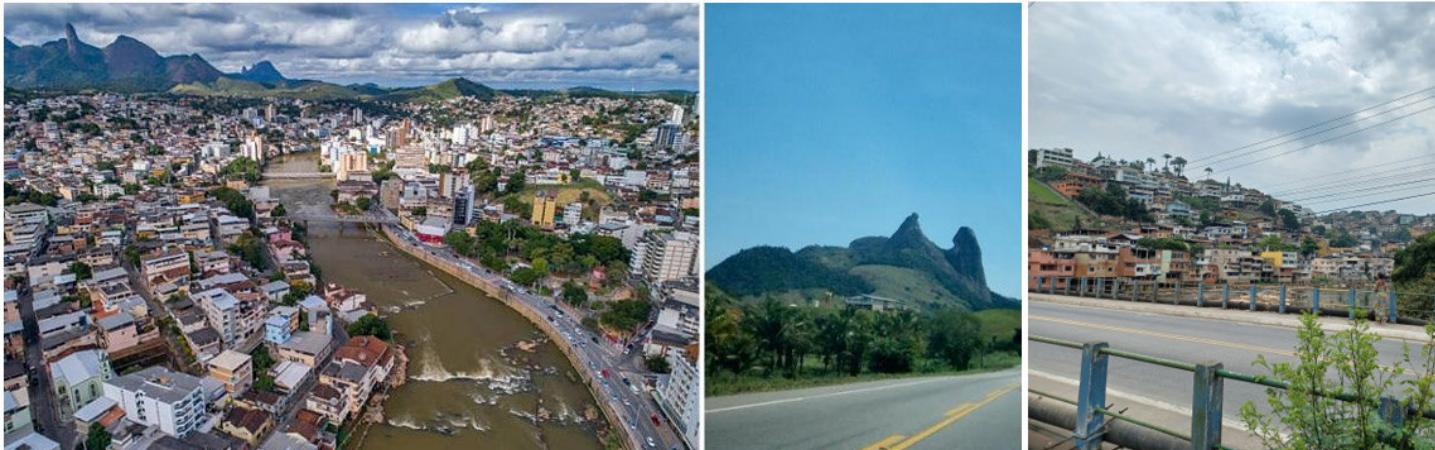


Figura 19. Cachoeiro do Itapemirim. Fotos: João Wesley de Souza

Nas áreas mais centrais que também margeiam o rio, ainda encontramos vestígios destes estilos, alguns em restauração, como o Palácio Bernardino Monteiro, e outros em pleno abandono, já em estado de ruína, sem qualquer tentativa de preservação. Podemos dizer que, enquanto decaem as construções que poderiam contar a história deste lugar, sua periferia, com construções massificadas e sem qualquer traço que defina seu tempo, segue proliferando nos morros e encostas desta paisagem urbana.

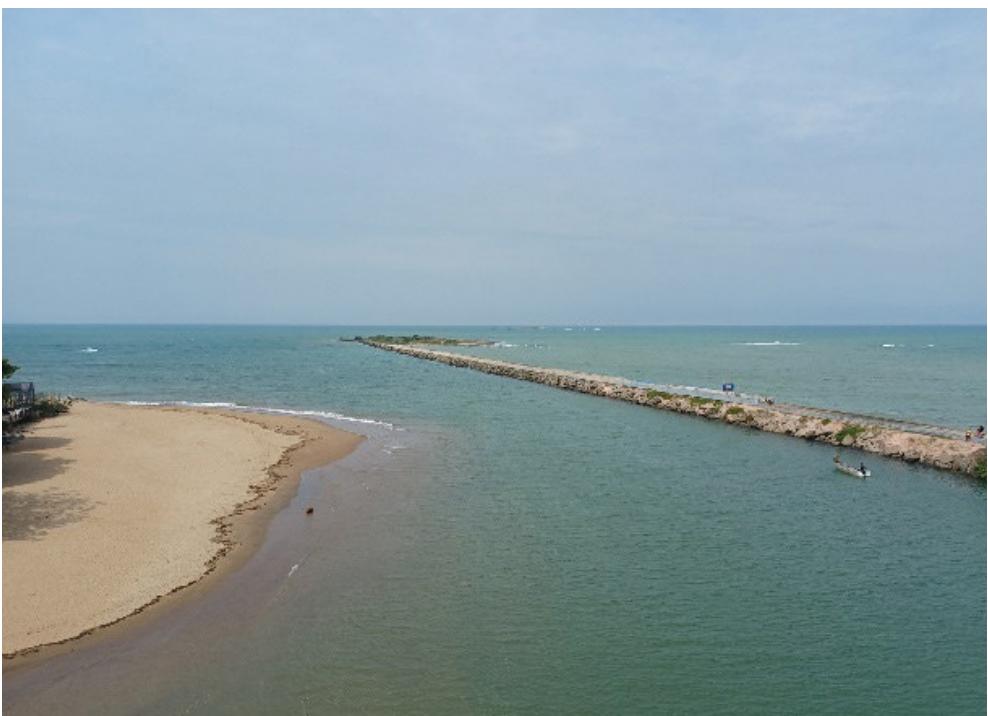
Barra do Itapemirim

Após Cachoeiro do Itapemirim, o caudal se espalha por uma planície coberta de pastagens e de extensos canaviais. Chegamos então ao final deste curso hídrico que teve seu início nas montanhas do Caparaó e que por fim deságua suavemente no Atlântico, (Figuras 21 e 22), depois de ser severamente conspurcado pelos esgotos humanos das cidades que atravessou e pelos poluentes das indústrias de mármore e granito que sustentam fortemente a economia da cidade Cachoeiro do Itapemirim, nosso objeto de estudos, quando é empurrado para dentro do continente pela maré cheia, exibe esta harmoniosa imagem que oculta seu contraste. A maré vazante que despeja uma água servida no horizonte Atlântico.

Barra do Itapemirim, (Figuras 23 e 24), um balneário, hoje é uma cidade centenária que vem perdendo seu traço colonial pelo descaso com suas construções mais antigas. É possível observar que esta arquitetura de cidade litorânea, em grande parte recusa as coberturas metálicas porque optam obviamente pelo conforto ambiental ligado às atividades recreacionais, características do “bem-estar” dos balneários. Em Barra do Itapemirim e Marataízes, sua vizinha, as coberturas de telhas cerâmicas voltam a ser numerosamente vistas. Resta saber se o patrimônio histórico, estas edificações coloniais que restam, ainda vão ser reconhecidas como algo a ser salvo das garras vorazes das imobiliárias dos balneários.



Figuras 20 e 21. O Neoclássico e o Eclético em Cachoeiro do Itapemirim. Fotos: João Wesley de Souza



Figuras 21 e 22. Barra do Itapemirim, fotografia: João Wesley de Souza



Figuras 23 e 24. Construções históricas do período colonial que restaram. Fotografia: João Wesley de Souza

Considerações finais

Nosso caudal, o percurso do Rio Itapemirim que nasceu na Serra do Caparaó, percorreu cidades, montanhas, vales e planícies, termina na Barra do Itapemirim, com sua água doce e conspurcada encontrando-se com a água salgada do mar. A água turbulenta de antes se acalma finalmente em planícies, como se a verticalidade do relevo do Caparaó contrastado com na linha do horizonte permitisse esta pacificação que divide o céu e o mar. Belas paisagens naturais acompanharam o Rio Itapemirim e seus afluentes, desde sua nascente até a sua foz, a mata atlântica, o relevo acidentado, as formações geológicas, o próprio rio com suas declividades em formatos de cachoeiras e seu trajeto sinuoso, a princípio, chama a atenção de um viajante diletante.

Embora tenhamos observado que as paisagens naturais que acompanharam as margens desse caudal sejam belíssimas, a paisagem urbana é, desde a sua nascente até sua foz, um retrato de uma arquitetura e consequentemente de uma paisagem urbana que se perdeu. Não dialogou com a natureza, com a modernidade ou mesmo com seu passado histórico. Em sua decadência paisagística negou seu período de esplendor do café e de riquezas com uma arquitetura neocolonial, eclética e neoclássica, vinda da conexão e influência direta com outros centros urbanos do Brasil. Hoje sobraram pouquíssimos exemplares dessas edificações que não tenham sido descaracterizados, abandonados ou simplesmente desmontados para reaproveitamento de materiais. Um descaso com a estética, onde as telhas de metal do mal gosto e pragmatismo industrial tem vencido as coberturas de cerâmica que traziam conforto e simpatia às construções. O que havia de belo em sua natureza foi, infelizmente, devastado por uma arquitetura sem rosto que gerou uma paisagem urbana massificada.

Ao percorrermos o fluxo líquido do caudal do Itapemirim, apontamos parte de seus problemas, mas caberia ainda pensar sobre os responsáveis por esta situação desastrosa. A princípio, como sempre, diante de qualquer equívoco arquitetônico e urbanístico, poderíamos apontar a negligência dos profissionais de Arquitetura e urbanismo que levou ou permitiu estas consequências. Mas acrescentando ainda mais acidez a esta primeira crítica, poderíamos apontar um distanciamento anacrônico destes profissionais com sua realidade física e social imediata.

Podemos, em conclusão, pensar que para uma grande maioria da população que vive no entorno do Itapemirim, o uso do profissional de arquitetura é algo exclusivo da elite, estando assim fora do alcance da grande maioria das pessoas. Esta concepção, arraigada no inconsciente coletivo, pode ter uma certa razão, visto que os desenhos de edificações podem ser realizados por desenhistas e assinados por engenheiros que não foram suficientemente preparados para pensar o espaço construtivo com mais profundidade. Podemos dizer que a ausência de uma complexidade preparada e aplicada pelas escolas de Arquitetura, no

sentido de pensar e propor estéticas, técnicas e meios de aproximação entre profissionais da área com os cidadãos comuns, no sentido da proposição dos espaços arquitetônicos, assim como suas consequências no desenho urbano e na paisagem urbana, é o elemento que distancia a arquitetura da realidade e produz o desastre paisagístico que vemos. A ausência do profissional de arquitetura e urbanismo é o fator que gera a consequência desagradável que observamos no caudal do Itapemirim.

Caberia aqui como solução para os problemas que observamos, apontar a necessidade de desmistificação do elitismo ligado ao profissional de Arquitetura. Através da implantação de políticas que encurtem esta distância anacrônica entre os arquitetos e os cidadãos comuns, poderíamos introduzir um aspecto muito positivo neste caso. Acreditamos que esta aproximação poderia, em tese, a longo prazo, reparar os conflitos que levantamos neste percurso sobre as paisagens urbanas no entorno do Rio Itapemirim.

Referências

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz:elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, pp .84-91, 1998.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Tradução de Annie Cambe. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MADERUELO, Javier. **El Paisaje - Génesis de un concepto**. Madrid: Abada Editores, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

GASSET, José Ortega y. **Meditaciones del Quijote**. Madrid: Publicaciones de la Residencia de los Estudiantes, 1914.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.

PEIRCE, Charles, Sanders. **La Ciencia de la Semiótica**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1986.

CONDURU, Roberto. Entre histórias e mitos. Uma revisão do neocolonial. Resenhas Online, São Paulo, ano 08, n. 093.01, **Vitrivius**, set. 2009. Disponível em: <https://vitrivius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.093/3025>. Acesso em: 11 jun. 2025.

FILHO, Genildo. **Arquitetura Urbana do Café em Muqui-ES**. Vitória ES: Editora Mil fontes, 2019.

João Wesley de Souza

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal Fluminense (1991), mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001), mestrado em Producción e Investigacion en Artes - Universidad de Granada (2012) e doutorado em Doutorado en Artes - Universidad de Granada / Bauhaus (2015). Atualmente é professor Associado da Universidade Federal do Espírito Santo.

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5293-1630>

Ana Carolina Xavier

Graduanda em Arquitetura UFES/SEBRAE.

ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-9950-1346>